Goiânia e a conjunção de territórios, técnicas e trabalhos¹

Marcelo de Mello

da Universidade Estadual de Goiás – Goiás – Anápolis – Brasil.
marcelo.mello@ueg.br

Resumo: Santos (2004) formulou uma periodização com vistas ao entendimento do processo de constituição do território brasileiro. Sua proposta se fundamenta na relação do território com a técnica. A partir da articulação destas categorias foram definidos os *sistemas de variáveis* referenciadores dos períodos por ele formulados. O geógrafo afirma que a territorialização de trabalhos vivos e mortos confere um sentido genético a esse processo de conjunção de territórios e técnicas, materializador dos *sistemas de variáveis*. Com o intuito de investigar as possibilidades de apreensão do movimento de produção destes períodos, abordamos o uso de objetos técnicos com vistas a potencialização da capacidade de percepção humana da realidade. Partindo deste princípio, consideramos que a técnica afeta tanto a realidade materialmente reproduzida, como a própria forma de percepção das novas realidades. Este cenário, progressivamente complexificado, solicita redefinições conceituais. Nesta perspectiva, apresentamos as propostas Foucault (2013) e Santos (2004), que trabalham com conceitos que permitem uma apreensão dinâmica das realidades sobrepostas, contribuindo com as investigações territoriais. Neste artigo, a cidade de Goiânia foi contemplada. Esta cidade-capital foi investigada a partir de sua dimensão técnica/territorial articuladora da sobreposição de sistemas de variáveis.

Palavras-chave: Cidade; Técnica; Território; Trabalho.

Introdução

Kant (2001) é um pensador muito importante para a Geografia. Sob seus cuidados e preocupações o pensamento geográfico foi inserido nas cátedras das universidades europeias no século XVIII. Uma de suas obras mais importantes² tem sua primeira parte dedicada à reflexão sobre a apreensão da realidade por meio de experiências espaciais e temporais entendidas como *a priori*. Outros importantes pensadores, relevantes para uma teoria do conhecimento bem estruturada, se dedicaram ao estudo das relações mediadas e imediatas travadas entre o homem e as

¹ O presente artigo é produto do Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS ESPACIAIS METROPOLITADAS: corpos e percepções na produção da vida urbana no eixo Goiânia-Anápolis-Brasília”, vinculado, institucionalmente, a Universidade Estadual de Goiás.

² Trata-se de *Crítica a razão pura*, editada em 1781.

realidades espaço-temporais sistematicamente investigadas³.

No mundo hodierno são intensos os debates em torno das formas e dos mecanismos utilizados na percepção das realidades manifestadas em tempos e espaços específicos. Estamos, progressivamente, ampliando os usos de instrumentos produzidos para “melhor” observar fatos, eventos e objetos constituidores da realidade apreendida. A cada dia condicionamo-nos mais aos equipamentos técnicos produzidos com o intuito de melhor perceber dimensões de um mundo repleto de coisas “invisibilizadas” pelo tamanho e pela distância. Para lidar com estes equipamentos classificados como imprescindíveis – para o homem moderno – nos é imposto um processo ininterrupto de atualização por meio de manuais e cursos. Entretanto, não percebemos uma preocupação similar com “outra” dimensão presente neste processo de otimização artificializada da percepção humana, caracterizada pela necessidade de melhor compreender o processo de reprodução dos significados e sentidos atribuídos aos fatos, eventos e objetos percebidos por meio dos instrumentos técnicos.

O presente artigo é produto de um exercício investigativo. Nele, contextualizamos o avanço da técnica na composição do território, a partir da mediação do trabalho. Como realidade investigada, destacamos Goiânia. Isto porque a capital goiana fez parte de um processo de redefinição técnica do uso do território. A estrutura produtiva existente antes de sua construção e consolidação era caracterizada pela ausência de elementos imprescindíveis a um processo de racionalização produtiva pautada numa articulação sistêmica. Imperava o isolamento adequado à manutenção da estrutura oligárquica vigente, caracterizada por uma produção voltada para a subsistência.

Goiânia e a territorialização de uma racionalidade instrumental

A nova cidade-capital goiana foi concebida como elemento técnico de caráter disciplinador, com vistas à instauração de novas bases territoriais demandadas para a implantação de diversidades regionais estrategicamente articuladas. Estava em curso um projeto pensado para a promoção de uma indústria nacional, carente da incorporação do território da *hinterland* para a sua realização.

Para a compreensão desse movimento de redefinição produtiva, fundada no território e na técnica, destacamos as contribuições de Santos (2004). É de sua autoria

3 Como exemplo, podemos citar Descartes, Leibniz, Hume, Locke, dentre outros.

uma periodização sistematizada que evidenciou estes dois elementos no processo de configuração do território brasileiro. Segundo ele, “trata-se de encontrar e desenvolver nexos horizontais e verticais” para entendê-los no “processo e na sua realidade atual” (SANTOS, 2004, p. 23).

Santos (2004) enfatiza que as relações sociais não se dão no vácuo, ocorrendo, sim, em territórios com feições próprias. Destacando os componentes dessa feição territorializada e ressaltando a dimensão histórica do território, o autor discorre sobre os sistemas de variáveis utilizados nos circuitos produtivos e evidencia suas fronteiras temporais. Isto porque os sistemas de variáveis, estrategicamente implantados, são caracterizados por limitações impostas pelas contradições inerentes aos sistemas produtivos. Ou seja, uma estrutura técnica territorializada, montada para garantir a produção e a circulação de mercadorias de maneira eficiente, torna-se deficitária à medida que as exigências por maior agilidade e rapidez tornam a estrutura montada superada.

Ao se revelar incapaz de atender as exigências sempre renovadas por sistemas produtivos cambiantes, surge a necessidade de uma mudança, de uma atualização no sistema de variáveis. Assim, identificamos movimentos de redefinição territorial pautados em uma relação reproduzida de maneira ininterrupta, na qual o novo e eficiente torna-se obsoleto e ineficaz, emergindo demandas por alterações técnicas nas variáveis integrantes de um sistema produtivo.

Na formulação teórico-metodológica de Santos (2004), cada sistema de variáveis compõe um *período*. O geógrafo brasileiro identificou três *períodos* no percurso de transformações espaciais, sendo que cada *período* se apresenta como um meio geográfico: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. Por sua vez, cada meio geográfico é constituído por um sistema de variáveis. Neste contexto, é a incorporação gradativa de elementos técnicos, científicos e informacionais que estabelece a transição entre os meios geográficos. Partindo desta premissa, entendemos que a construção de Goiânia indica a existência de um imperativo: a alteração do sistema técnico implementado em um território gestado a partir de nexos oligárquicos. Assim, um *período* centrado na oligarquia deveria ser superado e a superação se deu a partir de relações territorializadas.

O novo *período* demandado foi caracterizado pela captura do território goiano (CHAVEIRO, 2001), com vistas à produção de uma divisão territorial do trabalho em um momento próprio: estava sendo gestada uma tecnificação do território, objetivando

a instauração do período classificado como técnico-científico. Para tanto, era imprescindível a ruptura com o período anterior, no qual a utilização de técnicas produtivas rudimentares, isoladas e desarticuladas apresentava severas limitações produtivas. Naquele momento, os agentes econômicos representantes da lógica hegemônica estavam sequiosos por uma alteração nos sistemas de variáveis, vislumbrando o início de um processo de integração da economia nacional.

A articulação do território nacional impunha a modernização da produção e da circulação das mercadorias produzidas. Havia a necessidade de criação de estruturas produtivas integradas, rompendo com uma lógica produtiva desarticulada. Naquele período, a circulação de mercadorias produzidas tinha o seguinte percurso: do local de produção aos portos exportadores para a Europa. Uma nova disciplina territorial era exigida para uma nova gestão das relações de produção em escalas regional e nacional.

Nesse contexto, o território não assumiu a condição de simples substrato incorporado para as transformações almejadas. Sim, ele foi incorporado, isto é inegável. Todavia, veio a se tornar, também, um incorporador no curso de um movimento dialético. Um incorporador capaz de revelar “a síntese das histórias de suas regiões”. Isto porque o trabalho represado no território pode ser pensado “de um ponto de vista genético” (SANTOS, 2004, p. 23), com vistas à compreensão dos nexos geradores de forças que atuam, simultaneamente, de maneira sincrônica e assincrônica, a partir das alterações promovidas nos sistemas de variáveis.

Desta forma, Goiânia oferece expressivos elementos para a investigação do processo de rearticulação de sistemas de variáveis, com vistas a um avanço técnico e científico na produção e na circulação de mercadorias em escala regional. O traçado urbanístico da nova cidade-capital indica uma nova disciplina territorial a ser propagada. As próteses fincadas em seu território, referenciadas pela geometria espacial, possibilitaram uma nova forma de regulação do tempo empreendido no desenvolvimento das atividades laborais, orientadas para atender as exigências de um sistema pautado em uma expansão articulada.

Estava em curso um projeto de racionalização das relações produtivas através de ações técnico-territorializadas. Assim, objetos técnicos-científicos foram inseridos no território, fazendo-nos recordar do metabolismo da relação do homem com a natureza apontado por Marx e Engels (2007). Tal metabolismo nos auxilia a compreender a dimensão genética conferida por Santos (2004) à relação travada entre o território e a técnica, por meio do trabalho.

O próximo tópico aborda a emergência de outro *período* presente na

sistematização elaborada pelo geógrafo brasileiro. O processo de produção deste outro *período* permite uma melhor compreensão da dimensão “genética” firmada na relação travada entre o território, a técnica e o trabalho. O novo sistema de variáveis promoveu a conjunção de corpos, objetos e próteses. As formas de percepção, ajuizamento e uso dos elementos presentes no mundo foram alteradas. As sementes plantadas no solo foram modificadas geneticamente; o ordenamento territorial passou a contar com sensores remotos; as ruas das cidades tornaram-se híbridas, revelando a presença de objetos concretos e painéis virtualizados, produzindo cenários em permanente estado de alteração. É o que veremos a seguir.

Goiânia e o processo de fragmentação da realidade

Um movimento centrado na produção de uma universalização das ações, dos ajuizamentos e dos usos de objetos técnicos passou a direcionar a percepção do homem. A continuidade do processo de aperfeiçoamento produtivo fez como que o meio técnico-científico incorporasse elementos com propriedades informacionais específicas. Estas alterações marcam a passagem do *período* técnico para o técnico-científico-informacional. O novo *período* apresenta como uma de suas características a supressão da percepção das particularidades. Paulatinamente, ele institui uma ditadura cognitiva capaz de restringir o diálogo do homem com o mundo. Mecanismos totalizadores assumem a tarefa de renovar conceitos universalizados, atrelando-os a cenários previamente valorados, em escala global.

Nesta perspectiva, passamos a observar uma realidade em permanente estado de transformação. Um vertiginoso movimento de instrumentalização de equipamentos afeta nossos sentidos, nossa percepção. Uma série de recursos aumentam, aceleram e uniformizam a percepção de realidades recortadas, no tempo e no espaço, a partir de seleções realizadas por “agentes externos”, sob os crivos de racionalidades instrumentalizadas. Todavia, a necessidade de tratamento cognitivo das nuances trazidas pelas inovações técnicas não é tão evidenciada quanto as imagens de um mundo captado por sensores remotos. Desta forma, as imagens encontram justificativas nelas mesmas; ou melhor, em valores estabelecidos previamente e associados às imagens fartamente divulgadas no meio técnico-científico-informacional.

Os sentidos são estimulados em um processo de espetacularização de cenas urbanas, enquanto a reflexão sobre a realidade apreendida é quase dispensada. Goiânia foi incorporada por um movimento mundializado, no qual as relações imediatas

preponderam e a mediação cognitiva torna-se um exercício menos frequente. Os instrumentos e mecanismos de informação, massificadores de significados, assumiram o papel de “atribuidores” de sentidos e valores das imagens capturadas e difundidas. O homem, reproduzidor de espaços e tempos por meio de seu trabalho, tem, na atualidade, suas capacidades de criação e avaliação comprometidas por um processo que o desumaniza: a técnica, ao invés de viabilizar o desenvolvimento das potencialidades humanas, tem servido, frequentemente, como obstáculo a seu desenvolvimento. A razão deixa de ser atributo de um homem reflexivo e cede lugar a uma racionalidade instrumental, promotora de um “eclipse da razão” (HORKHEIMER, 2003).

Neste cenário de percepções instrumentalizadas, a cidade tornou-se o grande caleidoscópio de um mundo exaltador de imagens tratadas tecnicamente. Nela, as vitrines, os *outdoors* e a incandescência luminosa de fachadas, progressivamente mais elaboradas, capturam a atenção dos transeuntes. Os cidadãos em trânsito dialogam – mesmo que despercebidamente – com imagens exaltadas. Se antes havia uma seleção particular definidora dos elementos observados, hoje vigora uma ditadura imposta aos nossos olhos. O objetivo perseguido é a produção da “sociedade burocrática do consumo dirigido”, apresentada por Lefebvre (1991).

Este contexto, de veiculação de imagens difundidas no interior de uma ditadura sistêmica, remete a um conceito elaborado por Virílio (1993). Ele nos fala de uma poluição dromosférica⁴ promovida pela capacidade aumentada de ver cada vez melhor o distante. Isto porque um sistema totalitário impõe a valorização do distante em detrimento do que está próximo, promovendo uma distorção na escolha dos elementos que referenciam a vida e o movimento das pessoas no interior de tempos e de espaços virtualizados.

Este cenário de distorção é percebido no estado de Goiás, com mais ênfase, em sua cidade-capital. O processo de instauração destas virtualizações, em Goiânia, nos remete a uma questão anteriormente pontuada: o sistema de variáveis encontra seu limite. Se, a princípio, a necessidade apresentada pela lógica hegemônica promoveu a implantação de objetos técnicos-científicos em um território carente de articulação; posteriormente foi estabelecida uma demanda por novas formas de regulação da produção e da circulação de mercadorias; sustentadas por mecanismos de controle dos desejos e das percepções em um mundo urbano.

Assim, temos a transição do *período* técnico-científico para o *período* técnico-

4 A poluição dromosférica imposta pela alta velocidade que afeta a percepção e a apreensão da realidade.

científico-informacional. O novo sistema de variáveis permitiu um rearranjo produtivo e circulatório de mercadorias “virtualizadas”⁵, a partir de uma ideia de imediatividade. Neste ponto, uma indagação pode ser apresentada quando consideramos a relação mantida entre a técnica, o território e o trabalho na formação dos *períodos* aqui abordados: É possível isolar estes três elementos no processo de produção dos *períodos* aqui contemplados?

A resposta ao questionamento elaborado pode se pautar em posturas que fragmentam o que é percebido; bem como em visões de mundo que privilegiam uma perspectiva integrada da realidade. É importante destacar que a alternativa fragmentadora tem sido a mais utilizada pela estrutura hegemônica. Tal fragmentação é fundada em uma “pedagogia do parcelamento” no processo de explicação das transformações que afetam a vida em todas as suas dimensões.

Historicamente, a matemática, a física e a biologia são apresentadas como as áreas do conhecimento capazes de formular modelos válidos – numa temporalidade sucessiva e não dialógica – para representar a realidade. Modelos fundamentados nestas áreas do conhecimento têm se alternado na produção das explicações mais aceitas para a diversidade de fenômenos percebidos por nossos sentidos.

Esta tendência advém das próprias demandas da burguesia sedenta por uma otimização progressiva de sua capacidade de transformar a “natureza” em mercadorias diversificadas. As áreas do conhecimento compartimentadas, isoladamente constituídas, priorizaram a utilização da “razão”⁶ para o domínio da natureza – entendida como recurso natural –. E a cidade tornou-se o espaço privilegiado para a propagação deste modelo, desta visão de mundo, em que a síntese é desconsiderada diante de posturas analíticas fragmentadas, instrumentalizadoras dos conhecimentos produzidos com vistas a criação de mercadorias descartáveis.

Contudo, esta fragmentação tem enfrentado questionamentos. Nossa intenção é reforçar o coro questionador e tratar Goiânia como um “objeto” de estudos repleto de elementos conjugados, que transcendem as fronteiras das áreas de conhecimento. Nesta perspectiva, entendemos que a Geografia tem muito a contribuir, pois tanto nos tempos mais remotos, como no processo de sistematização da ciência moderna, a prática geográfica se pautou na identificação da unidade integradora da diversidade (GOMES, 1996). A Geografia enfrentou dificuldades para ser reconhecida como ciência moderna

5 Virtuais na dimensão física, mas, talvez, com uma densidade impositiva mais representativa no que tange a capacidade de ditar comportamentos.

6 A razão em seu sentido amplo foi reduzida a uma racionalidade instrumental.

justamente pela sua característica de síntese. Talvez, o que foi – e ainda é – considerado uma fraqueza possa ser, numa outra perspectiva, uma virtude cada vez mais conclamada no mundo hodierno.

Neste contexto, contemplamos Goiânia como produto de um ordenamento disciplinador, amparado, a princípio, em uma linguagem geométrica especializada. Esta linguagem foi consolidada, historicamente, pelas possibilidades de “acabar” com as confusões discursivas⁷ e “construir” um discurso universal. Contudo, ao ser lançada em um mundo concreto, semanticamente plural, a nova capital tornou-se híbrida e passou a revelar o caráter contraditório de uma realidade incompatível com reduções lineares. Isto não significa que inexista, na atualidade, elementos “consonantes” com os traços geométricos desenhados por Atílio Corrêa Lima⁸; e sim, que há uma simultaneidade de manifestações evidenciadoras de consonâncias e dissonâncias, sobrepostas territorialmente, a partir da materialização do trabalho no território.

Considerando esta realidade, desenvolvemos um raciocínio pautado em uma analogia que aproxima o cinema do mundo real: se no filme, “*O carteiro e o Poeta*”, os diálogos de Neruda e Mário Ruppolo mostram o encantamento de um carteiro colocado frente ao poeta revelador de metáforas presentes em “todos” os cantos de uma ilha; entendemos que, no espaço urbano, um geógrafo – inspirado pela tradição referenciadora de seu pensamento – pode desvelar as metáforas que transcendem os sentidos prévios atribuídos às coisas; bem como os interesses a elas associadas, promovendo um encontro das dimensões universal e particular, inegavelmente existente nas produções humanas.

Humboldt⁹ é um excelente exemplo para os que buscam produzir conhecimentos através de uma visão de mundo integradora. Este geógrafo indicou como proceder diante de um mundo repleto de diversidades. Se a dúvida em torno do elemento que uni o diverso habita o homem deste a antiguidade, temos como referência as possibilidades trazidas por este geógrafo alemão, que deixou um legado revelador de como o “olho” do homem é fundamental nesse processo de integração cognitiva.

O fato é que toda e qualquer cisão promovida não parte, unicamente, do objeto investigado. Advém, também, dos critérios estruturados pelos que calibram os olhos

7 Descartes se dedicou a elaboração de uma linguagem que rompesse com as confusões discursivas. Para tanto, o pensador elaborou a geometria analítica.

8 Primeiro urbanista formado no Brasil. Seu trabalho mais importante foi o plano urbanístico de Goiânia.

9 Alexander von Humboldt foi um geógrafo de grande importância. Desenvolveu estudos nas mais diversas áreas do conhecimento a partir de perspectivas gerais e imparciais. Esteve na América do Sul, entre os anos de 1799 e 1804. Sua principal obra tem como título *Cosmos*: trata-se de uma condensação dos conhecimentos científicos de sua época.

leitores da realidade. Neste sentido, propomos uma expedição à Goiânia. Uma expedição na qual os olhos dos homens possam apreender um mundo urbano a partir de diversos ângulos e perspectivas. Esta postura investigativa não impõe uma ausência de critérios como temem alguns. Na realidade, ela vai oportunizar uma maior amplitude no exercício da percepção, ameaçando não o conhecimento produzido, mas o condicionamento prévio produtor de homens e conhecimentos reduzidos e parcelados.

A unidade e a diversidade no processo de produção da nova capital goiana

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou que a população de Goiânia, em 2021, era de aproximadamente 1.555.626 habitantes. Os cidadãos contabilizados não vivem em um único bairro ou experimentam o mesmo cotidiano. Pelo contrário, ao longo de seus oitenta e nove anos, centenas de bairros foram produzidos na nova capital do estado de Goiás. Seus habitantes vivenciam, diariamente, as mais distintas experiências, tornando a cidade-capital uma realidade múltipla diversamente percebida.

Morar em Goiânia representa infinitas “coisas” para um contingente expressivo de pessoas com nomes, origens, histórias, rendas e crenças particulares. Moreira (1987) refletiu sobre a diferença conceitual que distingue as categorias população e homem. Sua intenção foi trazer à tona os caminhos produtores de um homem atópico – sem lugar – produzido a partir de visões de mundo centradas em um homem abstrato, caracterizado por elementos estatísticos universalizadores.

No bojo destes processos homogeneizadores temos Goiânia: uma cidade-capital projetada a partir de círculos concêntricos simetricamente cortados por radiais. No ponto central desta estrutura pensada geometricamente foi construída uma praça¹⁰: na qual foram erguidos edifícios para abrigar os gestores dos territórios goiano e goianiense. Gestores que deveriam pautar suas ações administrativas em uma racionalidade promotora de um progresso contínuo. Contudo, não foi somente o território da nova capital que foi geometricamente esquadrihado, disciplinado. Buscou-se regular o tempo compartilhado por seus habitantes, a partir da fixação de um relógio na principal avenida de acesso à praça central da cidade; certamente, com o intuito de disciplinar o tempo deste homem genérico, que deveria dirigir seus

10 A Praça Cívica foi o elemento central no processo de construção da nova capital. Ela foi projetada para abrigar as sedes administrativas do estado e de sua capital.

deslocamentos no espaço urbano de acordo com as convenções definidas por um projeto que buscava modernizar a lógica produtiva.

Todavia, esta disciplina urbana, que buscou limitar as experiências espaciais e temporais, foi superada. A ideia de ditar um ordenamento social, a partir de objetos técnicos territorializados, foi corrompida. O purismo do projeto original, progressivamente, cedeu terreno a um hibridismo polissêmico. Mas como Goiânia revela está superação? A resposta para esta indagação pode partir dos objetos técnicos fincados em seu território: se a Praça Cívica foi o monumento-lugar erguido para a promoção ordenada do encontro e da convivência dos habitantes da nova capital, na transição das décadas de 1930 e 1940; a partir das últimas décadas do século XX, muitas obras, realizadas pelo poder público, não conseguiram mais ordenar o encontro, a convivência e a permanência no território goianiense.

Os moradores de Goiânia – como de outras tantas cidades – passaram a acompanhar, em um primeiro momento, a transformação de praças em rótulas de orientação da malha viária urbana. Em um segundo momento, as rótulas, que anteriormente eram praças, foram novamente transformadas. Elas tiveram suas estruturas alteradas. Na realidade, as rótulas foram “abertas” para a implantação de vias urbanas. Mais recentemente, outra mudança se manifesta. Isto porque não bastou cortar as rótulas para a passagem de carros. Agora, é necessário a construção de trincheiras e elevados para viabilizar o fluxo de carros. Desta forma, espaços de encontros, permanências e convivências foram substituídos por rótulas, por vias, por estruturas que permitem o trânsito de carros: ou, pelo menos, deveria permitir, já que todas as modificações realizadas não foram capazes de impedir a continuidade da ampliação de engarrafamentos por toda a cidade. É como se a geometria espacial, que referenciou a edificação da nova capital goiana, fosse incessantemente desafiada. Mas como podemos entender este desafio sistematicamente reformulado? O próximo tópico pretende oferecer caminhos para a compreensão deste processo.

A negação como estratégia de dominação

É importante destacar que a nova capital dos goianos foi construída, também, por operários migrantes. Assim, desde seus primeiros dias “o outro” esteve presente em sua história. Outra questão a ser evidenciada é que a cidade projetada para emancipar os goianos trazia outra justificativa para sua existência: atender aos interesses dos industriais paulistas e dos agentes econômicos dos demais estados formadores da

região concentrada¹¹. Não que parte da sociedade goiana não aspirasse pelos novos tempos e pelos novos espaços evidenciados nos discursos de Pedro Ludovico¹²; mas foram as demandas “dos outros” que impulsionaram a transferência da capital do estado.

Recentemente, uma série produzida nos Estados Unidos teve boa parte de sua trama centrada na figura “dos outros”. *Lost* projetou nas TVs, de diversos países, experiências em que, a princípio, “os outros” eram personagens que representavam o perigo, a ameaça. Posteriormente, houve uma conjunção entre “os mesmos” e “os outros”, fazendo surgir cenas repletas de diálogos impensados em um primeiro momento. Outro interessante recurso utilizado nesta série foi a transposição espaço-temporal. Em cada episódio havia uma integração de distintos momentos e lugares para situar o telespectador no contexto de tramas complexas e articuladas.

Na filosofia, Foucault¹³ ampliou as possibilidades de percepção da realidade espacial. Em 1967, o pensador apresentou um conceito importante para os que se dedicam ao estudo do espaço. Trata-se da heterotopia. Sua intenção foi romper com a ideia de espaço como uma estrutura em monobloco, marcada por uma hegemonia delimitada e representada espacialmente. O filósofo francês critica a forma como a racionalidade ocidental suprimiu o outro e a diferença, com vistas a uma percepção espacial linear e não-dialógica.

A ruptura proposta por Foucault (2013) possibilita um profícuo diálogo entre a dimensão do que foi idealizado por uma racionalidade hegemônica e a dimensão do que vem dos “outros”; que, via de regra, não encontra reconhecimento nas estruturas de uma sociedade legitimadora de uma hierarquia perversa. Originalmente, Goiânia, a nova capital erguida sob alicerces eurocêntricos, deveria ser a vitrine de novos modos de vida. Contudo, por mais que um projeto de negação busque redefinir a realidade e subtrair histórias densas, a força da dimensão concreta da vida, manifestada territorialmente, continua sendo manifestada.

Em Goiânia, Ternos de Congada e Giros de Folias de Reis ainda encontram abrigo em bairros antigos. Por mais que *Shopping centers*, franquias importadas e outros empreendimentos expressem a tentativa de universalizar o desejo por práticas sociais e

11 “Essa região estaria constituída pelos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (SANTOS, 2004)

12 Interventor nomeado no contexto da Revolução de 1930 para governar o estado de Goiás. Idealizador da transferência da capital e da construção de Goiânia.

13 Em uma conferência proferida no *Cercle d'Études Architecturales*, realizada no dia 14 de março de 1967.

consumo de mercadorias universalizadas, a heterotopia revela a existência de elementos que, apesar de negados, continuam a existir. Para muitos, as manifestações culturais supracitadas não encontram sentido em um mundo urbano metropolitano em processo de homogeneização. Para estas pessoas, tais manifestações culturais derivam de nostalgias que deveriam ficar restritas ao ambiente rural, aos núcleos urbanos de menor porte e aos museus. Uma ideia de passado circunscrita a espaços específicos indica um rompimento do homem com as dimensões da memória. Há uma exigência eternizada do novo, enquanto a memória é secundarizada. Sem mencionar a tradição inventada evidenciada por Hobsbawn e Ranger (1997)

Abreu (1998) discorre sobre a relação da memória com a cidade. Ele se dedicou a desvelar a intencionalidade presente no processo de produção de espaços urbanos no Brasil. Há um pensamento corrente indicando uma espontaneidade superdimensionada como sendo a arquiteta da formação de espaços urbanos no período colonial. Este geógrafo demonstrou a presença de um nexos articulador das relações urbanas, desde a configuração dos primeiros espaços citadinos em território brasileiro.

Este nexos articulador foi historicamente territorializado no Brasil. Contudo, ele é, frequentemente, encoberto por visões de mundo decantadoras das articulações processadas pelo movimento reprodutor da realidade. Por vezes, teorias rompem com a dimensão histórica da territorialização dos objetos e das ações. Nesta perspectiva, não é incomum os julgamentos realizados dispensarem a contextualização histórica na atribuição de valores aos objetos geográficos. Convoca-se a presença de uma visão de mundo homogeneizadora e estandardizada, com visões a dissolução da história do território.

É necessário, ainda, ressaltar algumas características relativas aos conceitos presentes nas teorias formuladas para a explicação da realidade. Ao contrário do que muitos acreditam, os conceitos não são a realidade. Eles são representações abstratas da realidade. Na maioria dos casos, eles possuem um caráter “sintético”¹⁴, pois não são gerados a partir da interação com os objetos concretos presentes no mundo. Já a realidade é orgânica por promover uma conjunção corporificada de técnicas, territórios e trabalhos tornados indissociáveis. Quando produzimos conceitos distantes deste metabolismo, assumimos o risco de proceder a partir de uma decantação arbitrária e distante da realidade.

As considerações aqui formuladas têm como alvo os conceitos elaborados pelos

14 Sintético entendido como produzido artificialmente, não como a síntese que se contrapõe a análise.

agentes postos a serviço do mercado, que promovem realidades higienizadas. Desta forma, estabelece-se um padrão de comportamento associado a uma ideia de virtude pré-determinada, fundamental para o estabelecimento de uma “ordem social”. Normas convencionadas, repletas de apelos morais, objetivam controlar o homem concreto, posicionando-o diante de valores binários, como o certo e o errado, a verdade e a mentira e o bem e o mal.

O interessante, no raciocínio aqui desenvolvido, é a maneira como este mundo binário é apresentado. Os territórios passam a representar estes valores polarizados. A relação dos homens com os territórios foi sempre mediada por uma densa simbologia. Na atualidade, tal simbologia mediadora se distancia de uma produção socializada e se aproxima de determinações atomizadas, oriundas de agentes encarregados de reproduzir o capital por meio da mercantilização do solo urbano. Como exemplo, temos os condomínios habitacionais horizontais. Eles atendem às demandas de seguimentos sociais específicos e são associados a experiências de vidas marcadas pela felicidade e pela segurança; enquanto as casas situadas na rua – no espaço público – são vinculadas a insegurança e a exposição a infelicidade. Esta concepção de mundo é bem distinta da heterotopia apresentada por Foucault (2013). Nela estão presentes as superposições, as sobreposições, a ausência de fronteiras lineares e a impossibilidade de uma decantação de virtudes garantidoras da ordem social.

Considerações finais

O movimento progressivamente acelerado de produção de conceitos – associados a imagens – apresenta sempre elementos em dissolução. A obsolescência, apresentada por Harvey (1992), se materializa diante dos olhos dos moradores de cidades tomadas pela renovação de mercadorias urbanas. O que “permanece” é o território. Ele é capaz de revelar uma simultaneidade de processos desiguais, de valores desiguais, de homens distintos com histórias próprias. Nele estão registrados os *períodos* e as relações do homem com a natureza: relações territorializadas, mediadas pela técnica por meio do trabalho.

A dimensão histórica do território não pode ser dissolvida. As rugosidades¹⁵ apresentadas por Santos (2004) revelam como o custo de transformação dos territórios

15 “As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas”. É o conjunto da sociedade que defini a densidade dos obstáculos à implantação de um novo sistema técnico. (santos, 2001, p. 43).

urbanos desafiam os agentes econômicos, estabelecendo limites na reprodução de lugares binários preconceitualizados. Estes limites estão entre os elementos constituidores das crises que assombram os agentes econômicos e indicam a necessidade de cautela, de segurança contábil no avanço de suas vorazes ações especuladoras: por mais que as virtualidades estejam a cada dia mais evidenciadas, não é possível sobrepujar a dimensão concreta da realidade reproduzida por uma história territorializada.

Nesta perspectiva, o território traz consigo ameaças aos detentores do poder. Este fato nos remete a uma questão destacada por Foucault (2006): o poder não está em um lugar, ele se funda num alicerce móvel que induz, a todo instante, a transformações imprevisíveis. Desta forma, por mais que se busque a desconstrução de uma história, a partir de reconceitualizações, o território sempre indica que o “lugar redefinido” não pode ser esvaziado, preenchido e isolado de maneira absoluta. Existem migrações de valores e significados reveladores de uma fluidez territorial que não pode ser prevista por nenhum agente. Nenhum instrumento pode antever, em sua totalidade, a dinâmica inerente à vida incessantemente territorializada no interior de relações profundamente densas, caracterizadas pela mobilidade. O homem é um ser em movimento. Ao se deslocar ele carrega e difunde valores e juízos incontidos.

Nem mesmo a articulada gama de elementos virtualizados, que saturam as paisagens dos lugares-conceitos, é capaz impedir o ingresso de elementos atrelados a modos de vida classificados como temerários. Estes são propalados pelos homens em seus movimentos. É como se um “pecado original” ameaçasse os projetos ditados pelos agentes hegemonicamente posicionados. A permanência de uma história territorialmente insolúvel promove uma conjunção entre os novos conceitos artificializados e as tradições renovadas.

Em Goiânia, homens concretos circulam pela cidade. Reproduzem e são reproduzidos numa conjugação de territórios, técnicas e trabalhos. Eles percebem as realidades representadas. Realidades fugidias e etéreas; densas e espezas se mesclam, compondo paisagens conflitantes. A nova cidade-capital goiana serviu para integrar e desintegrar regiões, pessoas e conceitos. Uma Geografia plural é incessantemente atualizada em Goiânia. Cabe-nos uma calibração geográfica dos “olhos”, com vistas a uma apreensão heterotópica do território do conhecimento e do conhecimento do território: só ela pode nos emancipar!

Goiania and the conjunction of territories, techniques and labores

Abstract: Santos (2004) formulated a timeline aiming at understanding the process of formation of the Brazilian territory. His proposal is based on the relationship between territory and technique. From the articulation of these categories, he defined systems of variables referring to the periods formulated by him. The geographer claims that the territorialization of live and dead work gives a genetic meaning to this process of combination between territories and techniques which embody the systems of variables. In order to contribute to the understanding of the movement of production of these periods, we discuss the use of technical objects as means to enhance the capacity of human perception of reality. In that sense, we believe that the technique affects not only the material reality being reproduced, but the form of perception of new realities as well. This progressively complex scenario asks for conceptual redefinitions. In this perspective, we present proposals by Foucault (2013) and Santos (2004), both of whom work with concepts that allow a comprehension of dynamic, overlapping realities, contributing to territorial investigations. The capital city of Goiânia was chosen as the topic of this article, being analyzed from its dimension as a technical/territorial articulator of overlapping systems of variables.

Keywords: City; Technique; Territory, Labor.

Goiania y la conjunción de territorios, técnicas y trabajo

Resumen: Santos (2004) formuló una periodización con el fin de comprender el proceso de constitución del territorio brasileño. Su propuesta se basa en la relación entre territorio y técnica. A partir de la articulación de estas categorías se definieron los sistemas de referenciación de variables de los períodos formulados por él. El geógrafo afirma que la territorialización de las obras vivas y muertas da un significado genético a este proceso de conjunción de territorios y técnicas, materializando los sistemas de variables. Con el fin de investigar las posibilidades de aprehensión del movimiento productivo de estos períodos, abordamos el uso de objetos técnicos con miras a mejorar la percepción humana de la realidad. Partiendo de este principio, consideramos que la técnica incide tanto en la realidad materialmente reproducida como en la forma en que se perciben las nuevas realidades. Este escenario cada vez más complejo exige redefiniciones conceptuales. En esta perspectiva, presentamos las propuestas de Foucault (2013) y Santos (2004), quienes trabajan con conceptos que permiten una aprehensión dinámica de realidades superpuestas, contribuyendo a las investigaciones territoriales. En este artículo, se contempló la ciudad de Goiânia. Esta ciudad capital fue investigada desde su dimensión técnico/territorial, articulando la superposición de sistemas variables.

Palabras clave: Ciudad; Técnica; Territorio; Trabajo.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, Uma Metrópole em Travessia**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2001

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, 2013, vol.27, n.79, p. 113-122

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOMES, Paulo C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso**: para a crítica a Geografia que se ensina. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

PAUL, Virilio. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica - tempo/razão - emoção. São Paulo: Edusp, 2004

Sobre o autor

Marcelo de Mello – Doutor em Geografia pelo IESA/UFG. Professor do curso de graduação em Geografia e do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás – TECCER/UEG.

Recebido para publicação em maio de 2022

Aceito para publicação em outubro de 2022